

A “TIA” BRUTA E GROSSEIRA

Por Katellen Santos Dos Santos Silva

Comentários da Autora: A ideia do título ser "tia" é uma crítica às (aos) professoras (es) que se autointitulam "tias/tios". Mas como já dizia o sábio Paulo Freire: "Professora sim, tia não!".

A escola que eu frequentava era na Rua Colibri nº 30, tinha um muro alto, mas, com um pequeno banco conseguia ver o outro lado da rua, uma sorveteria cheia de pessoas elegantes, rindo e sempre alegres, era ano de 2002, naquele dia – uma segunda feira, do mês de fevereiro – estava no canto sentado em uma cadeira de madeira lembrando-se daquele final de semana, o meu aniversário, na qual nunca teve uma festinha. Levantei-me e fiquei observando as crianças aprendendo a andar de bicicleta na rua de pedra, provavelmente ainda não tinha começado a brincadeira, mas certamente não teria hora para acabar. Estava tão focado, quando Dona Maria chama para ir lanchar, era aquele desespero para ver quem acabava primeiro.

De repente quem chega ao portão? O meu amigo, sim! Não tinha um dia que ele não vinha me visitar, aquele animalzinho simples de porte médio, estava magro, mostrando os ossos, mas sempre chegava alegre balançando o rabo, o nome dele era Bob, eu e tia Raimunda por incrível que pareça o nomeamos assim, ela às vezes era flexível e estava de bom humor. Bob vinha sempre na parte da manhã nos arredores da escola comer os restos de pães que Lucas, Saulo, Isabela, Samuel, largava.

- Oh Pedro! Bradou Tereza, a Tia que ajudava no dever de Escola.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas, despedindo do meu amigo Bob. Ao passar pela porta correndo dei de cara com o mestre Sam, ele dava aula de judô, olhando para mim, de cara fechada.

- Venha cá! Clamou novamente Tia Tereza.

Chegando ao quarto onde ficávamos estudando, estava lá a Tia e os doze alunos, ela queria saber quem tinha quebrado a cama, olhando com olhares firmes para mim, falou:

- Pedro, você o mais velho deveria ficar de olho. Já tem 12 anos! Sabe que você tem a função de vigiar.

Mas não teve jeito, Tia Tereza, me colocou de castigo, mesmo não sendo eu que tinha quebrado a cama, estava ali sentado, triste, aquele menino tranquilo estava agoniado, e de repente, olhei para o Lucas e João, e vi que pareciam atentos, podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Lucas era um pouco levado. Tinha nove anos, era mais novo da turma, depois de Samuel.

Eis que depois de 10 minutos ali cansado de ficar sentado, surge Patrícia com olhar de gratidão, olhando para mim, e logo após, contemplou para Lucas e disse que iria lhe dedurar, então saiu correndo gritando:

- Tia! Tia! Foi Lucas que pulou na cama e quebrou.

Tia Tereza, me pediu perdão, e colocou Lucas no meu lugar.

Eu senti dó dele e me deu vontade de continuar no castigo só para não vê-lo sofrer.

Mas obedeci às ordens e fui assistir Power Ranger o desenho que todos gostavam, passava na televisão sempre as 9h00 horas todos os dias, porém todos queriam ser o Power Ranger vermelho, ele era o mais forte de todos, logo iniciava uma discussão, até que de repente A Tia Raimunda desligava a televisão, que momento de tensão! Começávamos a implorar, até que ela ligava novamente, mas não adiantava principiava novamente a briga, até chegado o momento que Tia Tereza, a mais brava das Tias, ninguém gostava dela, era alta, forte e com um tom de voz firme, colocava todos para o quarto para estudar, era literalmente uma tortura. Não sei como eu aguento essa exaustiva rotina.

Reclamando baixo, Isabela falou:

- Eu não fiz nada! Que Tia chata e insuportável.

De repente escuta uma forte voz forte, alta, assustadora que surge imediatamente:

- Como é? Indagou Tia Tereza bem atrás dela.

Isabela toma um baita susto, e tenta se explicar gaguejando:

- Não foi isso que a Senhora escutou; eu falei que é chato ir estudar neste horário, 10h00min horas da manhã, estamos todos de barriga cheia, do café, precisamos brincar um pouco. Mas não adiantou. A sua desculpa não deu certo. Brincar não entrava na lista de prioridades daquela mulher.

Então Tia Tereza como uma forma de punição, colocou Isabela para ler historinha bem alta para os coleguinhas, àquela história do chapeuzinho vermelho... Começamos a gostar da ideia, Isabela também estava adorando ler para todos nós, e aquela repreensão virou uma ocasião prazerosa de altas imaginações e pensamentos, até que chegou o momento de largar os livros e partir para o banho, tínhamos que estar as 13h00min horas em ponto no colégio novamente, se atrasasse ficaria na diretoria.

Corríamos para nossas bolsas naquele desespero, pegando a toalha para ver quem entrava primeiro, mas Lucas, o considerado bagunceiro, não havia disputa com ele, parece que já deixava tudo no jeito, sempre era o primeiro a entrar no banheiro, e demorava horrores.

Até que chega a hora que eu mais amava: o almoço da escola, naquele dia a Tia Suzana que fazia a comida tinha feito o meu prato preferido: arroz, feijão tropeiro, salpicão de frango, purê de batata, e para complementar batata frita, comemos como uns leões e com a barriga pesada fomos para dentro da escola, mesmo com uma vontade enorme de dormir. A minha parte predileta era merendar, porque minha história é complicada, todos os dias da semana só como torresmo com farinha, exceto no sábado e domingo que tem carne, arroz e feijão.

Ao chegar à escola, tínhamos que ficar no pátio, para cantar o Hino Nacional Brasileiro, todos ficava em fila, me lembrava àqueles homens fortes, temidos, militares do exército, onde uns meses atrás com muita dificuldade meu pai me levou em um quartel com a liberação do temente, porque realmente eu sou curioso.

Fim da aula começa novamente a loucura, todos com muita pressa saem correndo como se estivessem sendo liberados da prisão! Chegando ao portão encontrei com meu velho amigo, que resolveu fazer uma bela surpresa para mim, e estava ali no meio daquelas crianças saindo rapidamente, sem me ver, meio perdido, logo o chamei com um tom alto:

- Bob! Venha cá. Vamos desbravar a cidade... Não estou a fim de estudar o dia todo.

Na terceira vez ele veio correndo, balançando o rabo, pulando em cima de mim naquele alvoroço, depois de alisá-lo, me acompanhou e passeamos ruas adentro, observando os rios, ferrovias, pessoas comprando, patinando e namorando. Nós tínhamos uma amizade belíssima, porém quando assustei tinha dado meu horário e tive que se despedir dele. Que engraçado, quando eu não estava na escola, as horas passavam voando e eu nem percebia!

As 18h30 as mães começavam a chegar, para buscar os seus filhos, mas, antes de irmos embora, juntava o mestre Sam, Tia Tereza, Tia Suzana e Tia Raimunda, faziam uma rodinha com todos nós e orávamos o Pai nosso. Logo após, todos se abraçavam, e aquele dia triste, de brigas e lições infinitas encerrava, parecendo até que não existiu, voltando todos a serem amigos. Mas no dia subsequente tudo se repetia...

Meu irmão chegou, estava bem suado, e fomos andando para nossa casa que ficava bem no Interior, eu caminhava pensativo em saber como o Bob estava. Até que decidi que adotaria ele, coloquei isso em minha mente! Eu preciso levá-lo comigo, mas como vou dizer isso aos meus queridos pais? Planejei toda uma estratégia para conseguir realizar o que meu coração implorava. Aquele bichinho que estava aparentemente doente, que surgiu em minha vida precisava de cuidados, mesmo sem eu ter as condições devidas. Passando entre os matos, atravessando as cercas decidi que precisava voltar e pegar ele em frente à escola, lugar onde ele ficou quando demos tchau um para o outro.

- Lírio, eu preciso urgentemente de sua ajuda, vamos retornar à escola porque esqueci uma coisa lá.

- Mas agora? Já está anoitecendo. E é perigoso, pode ter cobras, sinto pavor...

Fiz um acordo com ele, se concordasse comigo, deixaria dormir na minha cama de palha. Ele aceitou prontamente, e voltamos em silêncio, sem dizer uma palavra sequer. Eu não via a hora de chegar para pegar o meu fabuloso presente. Estávamos com sede, mas insistimos na caminhada penosa.

Ao se aproximarmos da escola, percebi uma escuridão. O medo tomou conta de mim, minhas mãos estavam trêmulas, as pernas pareciam que iam se desdobrar. Meu irmão percebeu a minha angústia e segurou-me pelo braço:

- o que realmente você quer?

- preciso achar o Bob - Respondi com a voz mansa.

Em minha direção, uma senhora de aproximadamente 59 anos se aproxima apontando uma cena que parou o meu mundo naquele instante: uma carroça tinha atropelado e passado em cima do Bob, um nó na minha garganta surgiu e fiquei tonto, minhas vistas escureceram, perdi os sentidos, as borboletas no estômago dispararam. Meu irmão olhou pra mim e entendeu tudo. Sofreu junto comigo. Abaixamos a cabeça. Uma dor sem explicação.

O portão imenso da escola se abre, e Tia Tereza aparece saindo com vários livros na mão (ela ficava até anoitecer lá, puxa!):

- Minha nossa, que situação mais indelicada. É até melhor assim né Pedro? Pelo menos agora você vai ter mais tempo para prestar atenção nas aulas de geometria, não é mesmo? Só vivia conversando com esse mísero cão adoentado e repugnante. O que você está fazendo uma hora dessas aqui mesmo? Levem por favor, essa criaturinha daqui, pois já está fedendo, minhas narinas são sensíveis. – disse direcionando ao gari que veio prontamente, pegou Bob e colocou dentro de uma sacola plástica preta, sem um pinga de sentimento.

Eu parecia perceber a sua respiraçõzinha, mas nada pude fazer. Apenas o ver partir: esticado e sem rumo. Sentei-me na calçada e comecei a refletir como existem pessoas más. Mas o pior de tudo era voltar no dia seguinte e olhar para a

cara daquela mulher, sem humanidade. A escola para mim era um tormento. Eu odiava.

À volta para casa foi movida a soluços e recordações dos latidos contagiantes do meu companheiro.